

Por Favor, Sucesso. “Vocês querem defender minha música?”. “Nós queremos”. Na cortiça, na brincadeira. Também defendemos *Olha Os Lírios nos Campos*, que tirou décimo primeiro lugar (Fughetti Luz recita a letra). É uma gracinha. Gosto muito dessa música. O disco significou uma grande abertura de portas para minha vida, no sentido de eu poder dar música, alegria e arte para as pessoas. E também poder fazer rock’n’roll para a rapaziada de todas as gerações. Já faz um tempinho que estou na área. E isso é maravilhoso.

Viver - Por que você faz questão de dizer que defende o rock em ‘brasileiro’, e não em português, e como vê essa imposição do inglês na nossa cultura?”

Fughetti Luz - Eu sempre vou defender o rock em brasileiro, porque o idioma que falamos é “brasileiro” e não português. Utilizamos muitas palavras que não têm nada a ver conosco. Temos gírias brasileiras. Estão nos empurrando inglês goela abaixo, também. O brasileiro, na minha opinião, gosta muito de imitar o norte-americano. A obrigação de se falar em inglês porque daí tu vais ser culto, vais ter emprego... Dia desses estava vendo um telejornal e perguntaram a uma norte-americana se ela sabia onde ficava o Brasil, e ela disse que não sabia nem da existência do Brasil, quanto mais onde ficava o nosso país. Aquilo ali me deixou tão triste e bravo, ao mesmo tempo.

Viver - Você usa o termo ‘operários do som’ para descrever o Liverpool. De onde vinha essa necessidade de se dedicar tanto tempo aos ensaios e como você percebeu que a música era algo que já nasceu com vocês?”

Fughetti Luz - A gente trabalhava muito. Desde os tempos do Liverpool, a gente acordava às sete da manhã para ensaiar. Alugávamos uma sala ali no Clube Zequinha... Nossa rotina de ensaio era até o meio-dia. Daí cada um voltava para os apartamentos das respectivas mães, a gente almoçava e depois retornava para ensaiar. A gente só saía quando todos os operários da Zivi-Hercules batiam o ponto para sair. Éramos operários do som. A gente se dedicava mesmo. Tínhamos nascido para aquilo. A música já estava em nós. E eu amo a música. Eu sou chapado de música.

Viver - Hoje o álbum de 1976 é visto como um dos pilares do rock nacional. Enquanto gravavam as músicas, vocês tinham dimensão de que o disco se tornaria um clássico tão respeitado?”

Fughetti Luz - Sou agradecido por o disco do Bixo da Seda ter sido um dos principais e mais cultuados discos de rock gravados no Brasil na década de 1970. No Rio, enquanto gravamos o disco, morávamos entre

Ipanema e Leblon. Quando estávamos de folga, pegávamos uma praia bonita no Arpoador. Morávamos todos juntos. Uma boa confusão.

Viver - Mencionaste que ver a ‘rapaziada’ levando seu som adiante te deixa mais saudável. Qual é, para você, o verdadeiro poder curativo da música e como ela tem atuado na sua própria vida e saúde nos últimos tempos?”

Fughetti Luz - Fico feliz, meu coração se alegra. Gosto muito da rapaziada, acho muito legal eles levarem adiante a música que eu faço, o rock ‘n’ roll em que eu trabalhei tanto para pôr na roda, e isso me deixa cada vez mais saudável mentalmente e fisicamente. Pois isso faz parte de uma cura; a música cura. A música tem um poder mágico. Te leva adiante, te faz ter sentimentos profundos. Te faz ter lágrimas nos olhos ou sorrisos. Então sou feliz por fazer música e também por distribuí-la para todos.

Viver - O rock ‘n’ roll entrou na sua vida através dos seus irmãos, com os discos do Elvis e do Chuck Berry. Quando você percebeu que o rock não era apenas um som, mas uma missão de vida?”

Fughetti Luz - Eu escuto música desde pequeno. Na minha casa só rolava som. Meu irmão mais velho trouxe Elvis Presley para dentro da baía, trouxe Chuck Berry. Quando eu ouvi Chuck Berry, eu pensei: “É isso aí que eu quero fazer: rock ‘n’ roll!”. Rock ‘n’ roll é o que eu sempre quis fazer. Daí eu ouvi tudo a que eu tinha direito. Meus irmãos dançando na sala... Era o maior barato. Depois me influenciaram por um monte de gente no Brasil: a Jovem Guarda, os festivais, depois chegaram o Caetano, o Gil, o Chico. A música brasileira é um show, um xodó. Toca para os gringos e eles ficam babando. A harmonia da música brasileira não tem igual.

Viver - De onde vem essa sua bagagem literária tão vasta e esse seu interesse por temas que fogem tanto do comum?”

Fughetti Luz - Quando criança, eu via o ‘hipnotizador’, que eu chamo de televisão, mas eu lia muito sobre a história da Grécia, li Hermann Hesse, George Orwell, Krishnamurti, Blavatsky, Nietzsche – que li muito. Nietzsche é o grande amor da minha vida. É a inteligência ao ponto extremo, tudo ou nada. Não tem meio-termo. *O Senhor dos Anéis*, do Tolkien, eu li bem antes de chegar ao filme. Eu deixava o futebol para ler *O Senhor dos Anéis*. Eu queimei meus olhos de tanto ler. Por causa disso, eu tinha até que usar óculos, mas eu não uso, não.

Viver - O Liverpool teve uma

participação marcante no filme Marcelo Zona Sul. Como foi levar o rock gaúcho para o cenário de Saquarema e como você sentia que a energia daquele lugar e do cinema se fundiam com a ‘vibração cósmica’ que vocês buscavam na época?”

Fughetti Luz - Foi um lance legal para o cinema, um momento de pura sincronicidade. O diretor Xavier de Oliveira estava capturando aquela alma jovem do Rio, e o som do Liverpool era o elemento ar que faltava para dar leveza e psicodelia àquelas imagens. A gente carregava uma vibração muito forte, uma vontade de transmutar a realidade através da arte. Fomos para o Festival de Saquarema, que era o nosso templo sagrado de areia e sal. Naquela época, Saquarema era o reduto da liberdade, o ponto de encontro de quem buscava uma conexão mais profunda com a natureza e com o cosmos. Estar lá era como um ritual: o som batendo nas ondas, o sol purificando a nossa música. A gente foi lá e fez o que o espírito pedia.

Viver - O disco Tempo Feiticeiro parece ser a realização de um grande sonho, apesar de todas as dificuldades financeiras e políticas pelo caminho. O que esse álbum representa para a sua alma e como foi a experiência de gravar com a sua família e amigos com financiamento coletivo?”

Fughetti Luz - Eu, o Marcelo Truda e o Guimarães... Comecei a brincar com uma música que eu tinha na manga desde os tempos do Bixo da Seda (*Hendrixmania*). Surgiu desse dia. O Truda falou: “Vamos fazer um disco, Fuga?”. E eu disse: “Vamos”. Esse é o disco da minha vida, pois juntei as músicas mais importantes espalhadas por outros discos.

Era o meu sonho: fazer um disco de rock’n’roll mesmo. Esse disco tem um valor imenso para minha alma e para o meu coração. Depois dele posso partir daqui tranquilo, pois deixei um disco com nobreza no coração. As criancinhas podem dançar na sala, brincar, cantar e pular. É o disco com as músicas mais legais que fiz.

Viver - Você fala que seu coração pulsa forte ao mencionar o Tempo Feiticeiro e o compara a uma criança brincando na areia. Por que, depois de tantos anos de estrada, esse disco em específico carrega essa carga emocional tão pura e tão visceral para você?”



“Eu sempre vou defender o rock em brasileiro. Falamos ‘brasileiro’, e não português”

Fughetti Luz - Aconteceu que o disco foi aprovado pelo Ministério da Cultura do governo Dilma, mas, um dia após ela ter caído, o dinheiro foi suspenso. De um dia para o outro, tudo o que é arte foi cortado. Ficamos sem pai nem mãe, com o disco já para gravar, todo arranjado. Mas conseguimos viabilizar por meio de financiamento coletivo. Fora todas as pessoas que tocam no disco, botei minha filha, minha neta para cantar, botei toda a rapaziada para cantar. E não precisava ser profissional; é preciso ser um ser humano, gente. E aí saiu *Tempo Feiticeiro*, como criança brincando na areia de pé no chão. E assim meu coração pulsa mais forte toda vez que falo em *Tempo Feiticeiro*. É uma grande emoção.

Viver - O grupo Império da Lã levou Nosso Lado Animal para um terreno completamente diferente: a Dance Music. Como é para um roqueiro de raiz ver sua composição sair das guitarras e mergulhar nas batidas eletrônicas?”

Fughetti Luz - *Nosso Lado Animal* é tão legal que ficaria boa até em versão pagode. Com todo respeito, rapeize, mas eu queria levantar e sair dançando agora. Que versão! Música é isso aí: tem que voar, se renovar, atravessar os tempos.

Viver - O Glênio Reis foi um dos primeiros a perceber que o Liverpool não era apenas “mais uma banda de rock”, mas um grupo com uma sofisticação técnica diferenciada. Como foi esse aval para vocês, e o quanto isso pesou para que vocês se sentissem prontos para o Maracanãzinho?”

Fughetti Luz - O Glênio Reis foi um mestre para a gente; ele tinha um ouvido clínico e um espaço no

rádio que ninguém mais ocupava com aquela coragem. Ele dizia que a gente tinha “estofo”. E realmente, o Liverpool era muito afinado, a gente ensaiava até os dedos sangrarem naquela casa do Sarandi. Quando o Glênio começou a botar a gente no ar, o Rio de Janeiro passou a ser um destino natural, não apenas um sonho. Ele foi a ponte entre a nossa “bagunça” criativa no Sarandi e o profissionalismo que o mercado exigia.

Viver - Existe um período de transição muito rico e, às vezes, pouco explorado entre a dissolução do Liverpool, no início dos anos 1970, e o surgimento do Bixo da Seda. O que aconteceu na tua vida e na tua música durante esse intervalo?”

Fughetti Luz - Aconteceram várias coisas entre o fim do Liverpool, em 1973, e o início do Bixo da Seda, que era uma banda mais rock’n’roll. Fiquei um ano e dois meses fora, na Europa, depois do Liverpool. Quando voltei pra Porto Alegre, fiz a Laranja Mecânica, a Trilha do Sol... E depois uma banda chamada Bobo da Corte. O Bixo da Seda já estava rolando – e com o mesmo time do Liverpool: o Mimi, o Edinho, também o Cláudio Vera Cruz e o Peko Santana. Só eu que não estava junto.

Viver - Mesmo com o passar das décadas, você afirma que permaneceu hippie. O que significa ser um ‘hippie autêntico’ hoje e qual a mensagem de ‘paz e amor’ que você ainda faz questão de colocar na roda?”

Fughetti Luz - Eu permaneci hippie porque é desta forma que eu vivo, penso e sinto, porque minha liberdade é paz & amor. Hippie desdobra, não fica de bicão, toca uma canção por um prato de comida, alegra as pessoas que estão tristes pelas ruas, dá um sorriso, traz uma flor, põe um som na roda e não fala bobagem. Não existe mais hippie autêntico hoje em dia; acho que por aqui estou só.



DIVULGAÇÃO/JC



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irredutíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas 100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).